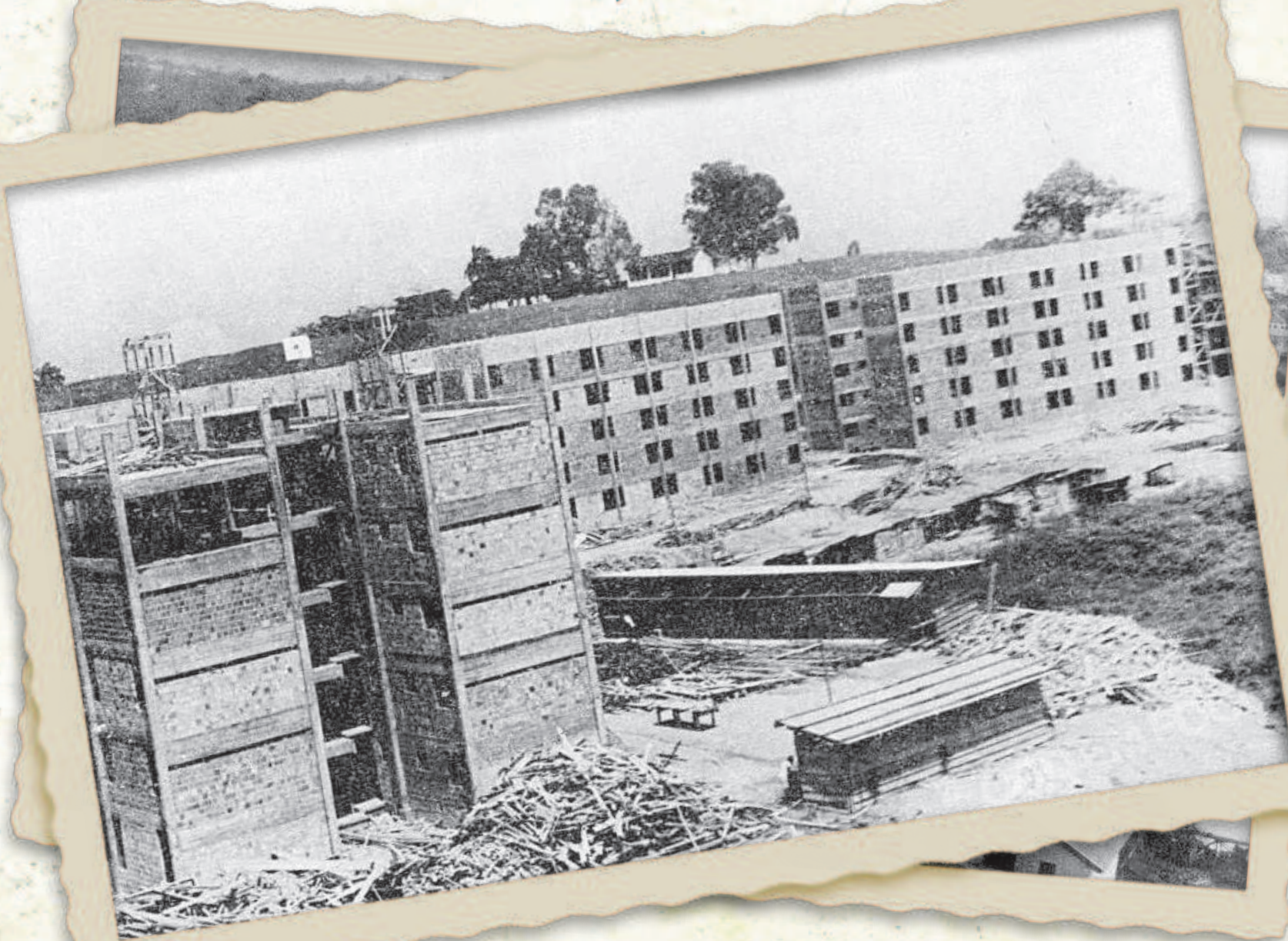




# RESISTÊNCIA E RESILIÊNCIA



Ativista da ONG Alfazendo e moradora da comunidade revela a história da Cidade de Deus e enfatiza a força dos moradores para superar adversidades. P.2



## Zona Oeste

# Cidade de Deus: história de luta e perseverança para se desenvolver

Comunidade da Zona Oeste foi projetada na década de 1960 pelo então governador Carlos Lacerda

Realizada pelo então governador Carlos Lacerda, na década de 1960, a Cidade de Deus foi projetada para ser um conjunto habitacional para receber moradores de baixa renda de várias regiões da cidade. A construção das moradias começou no início de 1965 e a ocupação da favela da Zona Oeste do Rio foi antecipada por causa da histórica enchente que atingiu o Rio em janeiro de 1966.

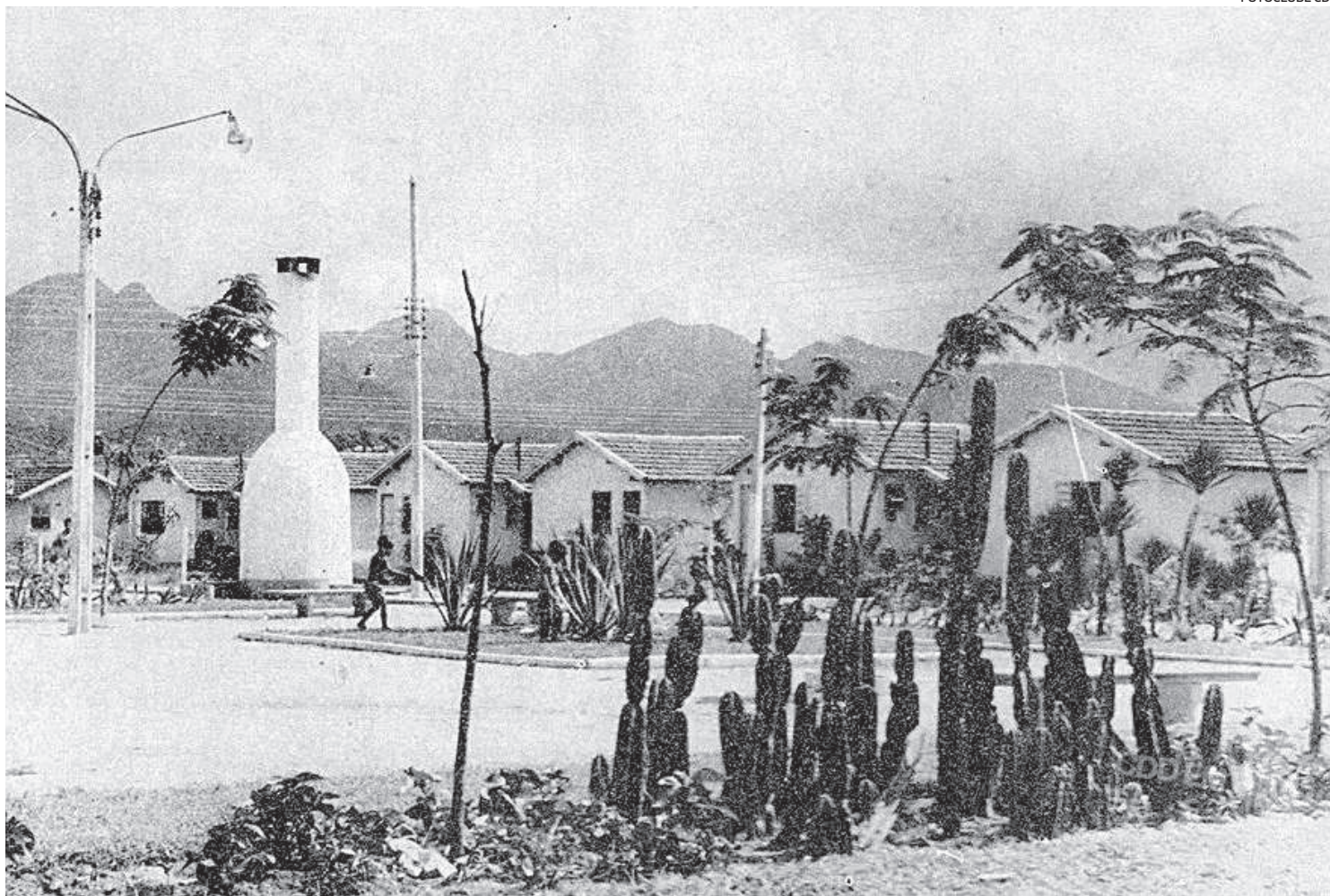
“A ideia era abrigar principalmente os trabalhadores que iriam construir as fábricas no entorno da Cidade de Deus, sobretudo aquelas localizadas às margens da Estrada dos Bandeirantes. Mas quando houve a enchente, várias pessoas que ficaram desabrigadas foram mandadas para lá”, conta Iara Oliveira, coordenadora da ONG Alfazendo.

Iara nasceu no mesmo ano em que a Cidade de Deus começou a ser ocupada. A mãe dela chegou à comunidade por causa da enchente daquele ano. Ela e os três dos atuais cinco filhos moravam na Favela do Esqueleto, que ficava onde hoje é a Uerj, no Maracanã, e foi alagada.

“Minha mãe chegou a ficar abrigada no Maracanã por causa da enchente. Ela veio morar na Cidade de Deus ainda em janeiro e eu nasci em dezembro”, afirma a líder comunitária.

## SEM MUROS

Quando a Cidade de Deus foi ocupada já havia rece-



A comunidade, projetada no início dos anos 1960, é um marco de resistência e seus habitantes têm um sentimento de pertencimento à região



**As pessoas da Cidade de Deus têm a característica de todo o tempo se reinventar, ser criativo, para criar os filhos e sobreviver**

IARA OLIVEIRA, ativista

bido nome que carrega até hoje. As ruas da comunidade receberam homenagens da Bíblia, como as ruas Josué e Israel e a Travessa Ezequiel. Na época, eram cerca de 5 mil casas e mais de 20 mil moradores.

“Quando entregaram as casas, elas ainda não tinham o banheiro funcionando, a parte elétrica... os moradores tinham que comprar querosene ou vela para iluminar as residências e cozinhar. Tem casas que ainda são como fo-

ram feitas, só com um quarto, uma salinha, um banheiro e uma cozinha muito pequena”, afirma Iara.

Das memórias mais marcantes que tem da infância e juventude na comunidade, Iara lembra de uma senhorinha conhecida como Dona Mercedes, que colocava a televisão no quintal de casa para as crianças assistirem TV.

“As crianças sentavam no quintal dela para comer pão duro com chá de capim

limão. A gente não tinha muro, cada um ia passando pelas portas dos outros. Tinha muitas árvores também, pé de manga, de goiaba, de tudo”, relembra.

Com o passar dos anos, a Cidade de Deus viu sua população crescer consideravelmente. Hoje, as cerca de 14 localidades da favela reúnem aproximadamente 40 mil pessoas. Elas fazem fronteira com os bairros da Gardênia Azul, Freguesia, Curicica e Taquara.

“A urbanização da Cidade de Deus acabou sendo feita por causa dos moradores, porque teve luta para asfaltar as ruas, para terminar o esgoto, para puxar a luz. Depois, teve a questão dos postos de saúde, da educação, sempre com luta”, enfatiza.

## RESISTÊNCIA E RESILIÊNCIA

A ativista diz que o morador da favela da Zona Oeste carrega para si o sentimento de pertencimento da região por causa dessas lutas. Moradora da localidade conhecida como 15, Iara é uma dessas pessoas, já que milita há 23 anos pela região.

“No início, tudo era muito longe e a Cidade de Deus era isolada das outras regiões. Como tudo era muito distante, tinha parteira. As pessoas iam na casa das outras fazendo parto. Eu nasci assim e acabei aprendendo a fazer partos”, diz.

Ao definir os moradores da comunidade, Iara usa as palavras resistência e resiliência. Ela ainda afirma que quem deixa o local inevitavelmente volta nem que seja para um corte de cabelo.

“As pessoas que moram e nasceram na Cidade de Deus têm a característica de todo o tempo se reinventar, ser criativo, para poder criar os seus filhos e continuar sobrevivendo”, defende, dizendo que quem “mora em favela, mora em um presídio a céu aberto”, já que não tem paz. “Os direitos de quem mora em uma favela são negados o tempo todo”.

## Resenha Contra Covid-19 atua em Vargem Pequena

Projeto já visitou as comunidades do Coroado e da Ilha dos Porcos orientando moradores sobre como se prevenir da doença

O projeto Resenha Contra Covid-19, da Secretaria Municipal de Assistência Social, chegou sábado às comunidades do Coroado e Ilha dos Porcos, em Vargem Pequena, na Zona Oeste. De extrema vulnerabilidade social, Vargem Pequena estava em 155º lugar entre os bairros do Rio com menor Índice de Desenvolvimento Social (IDS).

O levantamento foi feito de acordo com a coleção Estudos Cariocas “IDS: Comparando as Realidades Microurbanas da Cidade do Rio de Janeiro”, com base no Censo do IBGE de 2000. O trabalho também contou com equipe da 7ª Coordenadoria de Assistência Social. Em Vargem Pequena e na Cidade de Deus foram treinadas 36 lideranças.

“Conversamos com os moradores, e a equipe do CRAS (Centro de Referência de Assistência Social) Zumbi dos Palmares distribuiu kits com máscaras, álcool em gel, além de folheto explicativo sobre os perigos do coronavírus”, disse a secretária Laura Carneiro.

Marli de Oliveira, de 54 anos, mora há mais de 20 anos na Ilha dos Porcos. Teve Covid, ficou sem comer, pois perdeu paladar e olfato. Agora, conscientiza o marido, que trabalha fora, para manter os



Membros do projeto Resenha Contra Covid-19 em Vargem Pequena: distribuição de máscaras, de álcool em gel e orientação aos moradores

cuidados dentro de casa. Rosângela Pereira, 63 anos, é moradora antiga do Coroado. Ela disse que usava máscara apenas para se proteger no transporte público, mas que agora vai usar sempre.

O Resenha Contra Covid-19 tem como um dos principais alvos o combate às fake news sobre a doença, o que atrapalha sua prevenção. O projeto treina líderes comunitários

**Meta é combater as fake news sobre a doença, o que atrapalha sua prevenção**

para atuarem como porta-vozes da prevenção junto às populações de favelas e periferias. Até o momento já alcançou 360 lideranças e quase 20 bairros do Rio.

A ideia é formar uma rede de solidariedade na prevenção ao coronavírus, por meio da mobilização de lideranças e coletivos que vão contribuir com a identificação de situações de extrema precariedade e aglomerados populacionais, capilarizar informações sobre a doença e articular a atuação de redes nessas comunidades.